

O AMOR E OUTROS PRETEXTOS: EXERCÍCIOS DA PAIXÃO NA CORRESPONDÊNCIA FERNANDO PESSOA E OFÉLIA QUEIROZ

TELMA MACIEL DA SILVA *

RESUMO

O intuito deste artigo é analisar alguns poemas trocados entre Fernando Pessoa e Ofélia Queiroz durante o primeiro ano de seu relacionamento amoroso, iniciado no final de 1919. Estes pequenos poemas de feição popular – como a quadrinha ou o acróstico – eram oferecidos mutuamente, no geral em bilhetes, como forma de mimar ou mesmo de provocar o interlocutor diante de alguma ação considerada reprovável. Assim, o poema podia trazer um gracejo ou um anátema, mas sempre em tom de brincadeira séria, que muitas vezes evoluíam para a ironia. O nosso objetivo é, nesse sentido, situar tais documentos, mostrando sua importância para a construção de uma estética amorosa no conjunto da correspondência como um todo.

PALAVRAS-CHAVE: Cartas de amor; Poesia Popular; Fernando Pessoa & Ofélia Queiroz

A quadra é o vaso de flores
que o povo põe à janela da sua alma.
Da órbita triste do vaso escuro a graça
exilada das flores atreve o seu olhar de alegria
(Fernando Pessoa, 1986, p. 577)

Em um dos trechos mais conhecidos d’*O banquete*, de Platão, Pausânias distingue dois tipos de amor: o primeiro, representado por “Eros vulgar”, não tem “nenhuma

* Professora associada da Universidade Estadual de Londrina – Londrina-PR / Brasil. E-mail: telmaciel@gmail.com . Orcid: (<https://orcid.org/0000-0001-7054-0035>)

preocupação com a virtude do ser amado”, ao passo que o segundo, o “Eros celeste”, “ama a virtude e a inteligência do outro, não apenas seu corpo” (Borges, s/d, p. 09). Em seu discurso, ele reflete também sobre como o amor permite ao amante aquilo que é censurado em outros planos da vida social:

deu a lei ao amante a possibilidade de ser louvado na prática de atos extravagantes, os quais se alguém ousasse cometer em vista de qualquer outro objetivo e procurando fazer qualquer outra coisa fora isso, colheria as maiores censuras da filosofia – pois se, querendo de uma pessoa ou obter dinheiro ou assumir um comando ou conseguir qualquer outro poder, consentisse alguém em fazer justamente o que fazem os amantes para com os amados, fazendo em seus pedidos súplicas e prosternações, e em suas juras protestando deitar-se às portas, e dispondo-se a subserviências a que se não sujeitaria nenhum servo, seria impedido de agir desse modo, tanto pelos amigos como pelos inimigos, uns incriminando-o de adulação e indignidade, outros admoestando-o e envergonhando-se de tais atos — ao amante porém que faça tudo isso acresce-lhe a graça, e lhe é dado pela lei que ele o faça sem descrédito, como se estivesse praticando uma ação belíssima (Platão, 1970, p. 112).

Portanto, quando movido pelo amor, o indivíduo se vê autorizado ao cômico da vida e às práticas que fora do intento amoroso são consideradas indignas e vis, mas que podem até ganhar alguma graça se imbuídas do sublime de Eros Celeste. Levando em consideração as postulações de Pausânias n’*O banquete*, vejamos o famoso – e nunca suficientemente aludido – poema de Álvaro de Campos, para quem “Todas as cartas de amor são / Ridículas / Não seriam cartas de amor se não fossem / Ridículas” (Pessoa, 1944, p. 84). Vistas em paralelo, as postulações do mais plural dos heterônimos pessoanos ganham uma dimensão platônica, mostrando pelo avesso o ridículo daquelas (poucas) criaturas que nunca escreveram uma carta de amor.

A partir d’*O Banquete*, de Platão, dos *Fragments de um discurso amoroso*, de Roland Barthes, e de *Escritas epistolares*, de Geneviève Haroche-Bouzinac, procuraremos analisar os exercícios da paixão nas cartas de Fernando Pessoa e Ofélia Queiroz. Para isso, daremos destaques aos pequenos bilhetes com poemas enviados por ambos no decorrer do primeiro

ano de namoro. São peças que expõem de maneira exemplar o ridículo das cartas de amor e o modo como ambos operam este aspecto caricato da representação amorosa.

1. FERNANDO PESSOA & OFÉLIA QUEIROZ: RIMAS DE AMOR E DE BRIGA NAS CARTAS DE INÍCIO E DE FIM

O início do enlace amoroso entre Fernando Pessoa e Ofélia Queiroz é marcado pelo envio de poemets, digamos que de gosto duvidoso, que vão construindo uma estética da paixão naquele final de 1919. Como é de conhecimento geral, foi a jovem Ofélia quem tomara a iniciativa diante do poeta que lhe parecia demasiado tímido. O bilhete inicial chama a atenção pelo descompasso entre forma e conteúdo. Ousada, ela escreve declarando o seu interesse, mas ainda faz uso de uma linguagem bastante formal:

Ex.mmo Senhor

É-me infinitamente grata a presença da sua pessoa no escritório Félix, Valladas & Freitas. e deixe-me dizer-lhe que é devido a ela (sua pessoa) que me não encontro já noutra escritório, em que decerto ganharia mais, mas que

É-me extremamente querida a sua presença no escritório porque me sinto atraída a si¹ (Queiroz, 2013, p. 43).

A ousadia de Ofélia é marcada, contudo, pela hesitação. Os rascunhos teriam sido rasgados, atirados ao lixo e providencialmente encontrados pelo poeta². Ofélia jogava com a fortuna ao escrever, mas se resguardava ao não entregar diretamente, contando

1 Serão utilizadas três edições diferentes da correspondência: *Cartas de amor de Fernando Pessoa e Ofélia Queiroz*, organizada por Manuela Parreira da Silva; *Correspondência amorosa completa: 1919–1935*, organizada por Richard Zenith, e *Cartas de amor*, organizada por Jerónimo Pizarro. O uso das três se justifica seja porque, em suas notas de rodapés, trazem perspectivas diferentes sobre as cartas, seja porque há casos em que certos documentos existem em uma, mas não nas outras edições.

2 As duas edições consultadas – Parreira (2012) e Zenith (2016) – trazem notas informativas quase idênticas. Nelas, o leitor é informado que o documento original fora encontrado dentro de um envelope, picado e posteriormente reconstituído.

com a sorte de que fosse o amado e não outro a encontrar os bilhetes rascunhados. A linguagem, muito mais formal em um e mais direta no outro, chama a atenção. O vocativo “excelentíssimo senhor”, que abre a primeira comunicação, demonstraria a inaptidão da moça de 19 anos, inexperiente nas coisas do amor epistolar, ou seria simplesmente um cacoete de secretária? Por outro lado, o segundo bilhete traz uma afirmação direta: “me sinto atraída a si”, que não deixava dúvidas sobre os interesses da jovem. A escrita dessa segunda variante no bilhete permite-nos pensar que a epistológrafa parece ter se arrependido do trato distante, contaminado pelo jargão de escritório e mudado o tom, buscando a aproximação com o interlocutor. Nesse momento, Ofélia ensaia a escrita amorosa, ainda sem saber qual a melhor forma de empreendê-la.

Haroche-Bouzinac, em *Escritas epistolares*, trata do modo como a carta, ao longo de séculos, foi utilizada como parte de diversas estratégias retóricas para que se atingissem os intuitos de seu interlocutor: “Calcada, desde suas origens, nas categorias da eloquência, a carta apropria-se dos mais antigos procedimentos retóricos. Ao buscar os efeitos de agradar, comover, convencer, não se afasta da arte oratória” (Haroche-Bouzinac, 2016, p. 93). Nesse sentido, em sua primeira comunicação escrita com o objeto de seu desejo, Ofélia parece treinar os artifícios da carta, buscando o tom adequado, que, se por um lado, não deixasse dúvidas de sua atração, por outro, também não denunciasses excessivamente um atrevimento além da conta para uma moça de seu tempo. E se, conforme as palavras de Balzac, “a pena é sempre mais ousada que a palavra” (Balzac apud Diaz, 2016, p. 117), é por meio dela que moça vai se mostrar, equilibrando-se no fio que separa a ingenuidade da malícia.

O fato é que os pequenos bilhetes foram cruciais para o sucesso daquela conquista e a atração se torna um namoro ainda no início de 1920, mesmo que àquela altura a jovem estivesse comprometida com outro rapaz, com quem romperia a seguir. Nesse sentido, há ainda uma questão de muita importância nesses primeiros documentos da correspondência Fernando Pessoa & Ofélia Queiroz: o seu aspecto material. O bilhete de amor, rasgado e atirado ao lixo, comunica, em seu aspecto fragmentário, as oscilações, os receios de exposição diante do outro e os desassossegos do desejo.

O segundo documento da correspondência, agora de 28 de novembro de 1919, deixa ver que a jovem havia logrado sucesso em seu intento. Trata-se de um pequeno poema enviado a Pessoa em um cartão de visitas. Nele, já não há lugar para as

oscilações e para o medo do ridículo e a epistológrafa inaugura um padrão de sedução infantilizado que será adotado por ambos ao longo de todo o relacionamento. Se nos bilhetes rascunhados a oscilação dá o tom, agora a intimidade já foi pavimentada:

Bebé não é má
É boa até
Bem diga lá

E diga com fé
Mau quem será?!...
Ah, eu sei quem é.
(Queiroz, 2013, p. 43)

Aparece pela primeira vez o jogo amoroso matizado pela graça – no sentido que Pausânias dá ao termo – do ridículo. As pequenas maldades, os gracejos, as negações comporão, a partir daí, a estética desse namoro duas vezes iniciado e encerrado por meio da correspondência. A figura da “bebé má” e do “bebê mau” vai percorrer as cartas, principalmente, da primeira fase da troca epistolar, dando corpo aos desejos (in) confessos, às negativas, quando se quer dizer o contrário, às cobranças mal disfarçadas de Ofélia diante do pouco comprometimento do namorado, aos ciúmes marcados pela ironia de Pessoa etc. O contraponto está fixado na figura infantil e inocente do bebê, que é mau na medida em que seduz e deixa o outro desejoso; na medida em que provoca e se afasta; na medida em que acusa o outro das “maldades” que ele próprio pratica.

Os documentos seguintes da correspondência Ofélia & Pessoa indicam a adesão imediata do poeta à estética do ridículo na relação amorosa. Seriam de fevereiro, segundo anota Richard Zenith na edição *Fernando Pessoa e Ofélia Queiroz: correspondência amorosa completa*, os dois poemets escritos por Pessoa e entregues em mãos à futura namorada. O primeiro deles, de título “Canção popular”, diz o seguinte:

O meu amor é pequeno
Pequenino não o acho
Uma pulga deu um coice
Deitou-o da cama abaixo
(Pessoa, 2013, p. 43)

Jerónimo Pizarro (2025), na edição crítica que organiza, intitulada *Cartas de amor*, acrescenta ainda alguns outros bilhetes da lavra de Pessoa, que vão de um sumário “Kiss-me” (Pessoa, 2025, p. 29), um “Dê-me um beijinho, sim?” (Pessoa, 2025, p. 29) e alguma coisa que parece responder a questionamento anterior de Ofélia:

Não é nada, Bebê
ciumento; logo lhe
mostro e lhe digo o
que é.
(Pessoa, 2025, p. 30)

A nós, leitores extemporâneos e conhecedores do romance epistolar do casal, certamente não escapa a curiosa ambiguidade do chiste poético de “Canção popular”, na medida em que podemos entender o primeiro verso como uma referência à compleição física de Ofélia ou um anúncio velado da pequenez do sentimento do autor, dado que, aliás, já foi muito alardeado por uma parte da crítica que se ocupou desse conjunto de documentos³. De todo modo, o que importa é notar como o texto dialoga com um certo modelo de poesia popular, o que aparece inclusive no título. A quadrinha compõe um importante gênero poético dentro da literatura oral, trazendo assuntos leves e, não raro, finais um tanto esdrúxulos, como no caso acima. Como todos sabemos, este foi um gênero bastante praticado pelo escritor, que escreveu centenas delas e teve o volume *Quadras ao gosto popular* publicado após a sua morte. Nesse sentido, o poema-bilhete se encaixa perfeitamente à máxima de “La Févrerie” (apud Haroche-Bouzinac, p. 102), para quem “os bilhetes de amor mais displicentes são os melhores”.

O segundo bilhete-poema antecipa uma prática que também será comum ao longo dos anos seguintes por parte do escritor: fazer reprimendas e censuras a comportamentos da namorada por meio de anedotas, que muitas vezes vinham

3 No artigo “Ofélia e Pessoa: dois fingidores”, discuti também o modo como a crítica pessoana, em geral, aderiu à tese da superioridade moral e intelectual do poeta frente à Ofélia Queiroz, a quem restou a imagem de jovem fútil e apaixonada.

assinadas por algum heterônimo, principalmente por Álvaro de Campos. No poemeto a seguir, assinado com um singelo F, o autor parece sentir-se preterido e manda um recado, tão breve quanto direto.

Meu amor já não me quer,
Já me esquece e me desama
Tão pouco tempo a mulher
Leva a provar que não ama
F.

(Pessoa, 2013, p. 43)

Esta quadrinha é um exemplo de um tipo de comunicação que aparece com alguma frequência no epistolário do casal. Não é incomum que, ao desconfiarem da intensidade do amor um do outro, eles troquem farpas, que podem ou não evoluir para uma discussão mais séria. A primeira grande carta que conhecemos de Ofélia é, aliás, um texto em que ela reafirma o seu amor, mas se mostra bastante reticente em relação ao sentimento do namorado, que, por sua vez, responderá ofendido com as cobranças e devolverá a ela o ônus do pouco querer, invertendo o papel de cobrado para o de cobrador. No poemeto citado, o autor utiliza a forma simples e aparentemente ingênua da quadrinha para fazer acusações à namorada, num gesto metonímico em que o ato de uma mulher são os atos de todas as mulheres, vistas aqui como volúveis e inconstantes.

No texto “O dicionário os fez homem e mulher”, Nelly Carvalho discute os modos de representação de mulheres e homens em quatro dos principais dicionários de Língua Portuguesa. A autora detecta, entre os clichês mais comuns relacionados às mulheres, justamente a volubilidade: “De acordo com o dicionário, calcado na mentalidade geral, são traços femininos característicos o instinto maternal, o devotamento, o pudor, como também a leviandade, a inconstância, o capricho, a irracionalidade” (Carvalho, 2001, p. 79). A tópica aqui colocada é a mesma que aparece tanto no poema, quanto em outros momentos da correspondência: “A Ofelinha pode preferir quem quiser; não tem obrigação – creio eu – de amar-me, nem, realmente, necessidade (a não ser que queira divertir-se) de fingir que me ama” (Pessoa, 2013, p. 45).

O poema a seguir, também de autoria de Fernando Pessoa, retoma o jogo amoroso, pautado no binômio inocência x malícia. Há, novamente, uma gradação de

sentidos, dada pela construção metonímica, em que o “bebé” é chamado a dar “um beijinho”, para logo adiante se transformar no próprio “beijinho”. O poema denota a urgência amorosa do casal, que vive às voltas com o drama da separação física, provocada pela manutenção de uma relação em segredo imposta pelo poeta. Então, esse tipo de chamado ganha uma dimensão dramática, visto ser na maioria das vezes apenas retórico, marcado pelas impossibilidades sociais, às quais o namorado, longe de combater, reforça, dando à relação “proibida” um aspecto ainda mais infantil.

Bebé começa por B
Beijinho por B começa
Bebé vem me dar um beijinho...
Beijinho vem cá de pressa⁴
(Pessoa, 2013, p. 44)

Haroche-Bouzinac (2016, p. 101) afirma que “cada correspondência elabora uma tópica própria, histórica e socialmente determinada. Inspira-se pelo arsenal disponibilizado pela mais antiga retórica e a completa com temas próprios. Assim se cria a poética de cada troca epistolar”. Nesse sentido, partimos da matéria do amor no início imediato do relacionamento, em que os namorados se utilizam dos lugares comuns da correspondência amorosa, e chegamos à temática do término. E se o casal busca na linguagem popular o seu refúgio e, ao mesmo tempo, a sua exposição ao ridículo da paixão, é também nela que se fixarão na hora dolorosa do primeiro término. A esse respeito, é novamente Ofélia quem tomará a iniciativa de declarar o fim.

No capítulo de *Fragmentos de um discurso amoroso* dedicado às contingências, Roland Barthes (2018, p. 103) assim as define: “mínimos acontecimentos, incidentes, entraves, bagatelas, mesquinhas, futilidades, rugas da existência amorosa: todo o núcleo factual de um acontecimento que vem a dificultar a ambição de felicidade do sujeito apaixonado, como se o acaso intrigasse contra ele”.

4 Estes três últimos documentos de autoria de Fernando Pessoa são transcritos na edição da correspondência organizada por Richard Zenith, mas não no volume organizado por Manuela Parreira da Silva.

Para cada um dos substantivos da lista feita por Barthes, poderíamos certamente elencar um episódio na novela amorosa de Pessoa e Ofélia. Ao longo de um ano – tempo que dura a primeira fase do relacionamento – temos desde os desencontros físicos, marcados pela espera em vão à janela ou diante de um ponto de bondes; a defasagem no tempo das cartas⁵, em que uma coisa já explicada volta à baila porque o correspondente não recebeu a carta anterior; as mesquinhas e futilidades de um e de outro, que partem para o ataque quando se sentem preteridos ou mesmo cobrados de algo que consideram injusto, enfim, uma série de pequenos fatos que vêm a “dificultar a ambição de felicidade”, aqui sempre mais expressa por um que por outro, criando o entrave essencial ao relacionamento e sendo, portanto, responsável pelo seu primeiro fim.

As reclamações da jovem em relação às ausências do amado, como vimos, serão frequentes ao longo daquele ano, mas nestas cartas que veremos a seguir ganham um tom de resolução. A disparidade na disposição de ambos para a escrita de cartas é objeto de discussão constante, também, visto que os encontros quase sempre circunstanciais não são suficientes para aplacar o fervor da paixão. O escritor se desculpa vez ou outra, mas mantém o ritmo sempre menor na escrita epistolar. Em março de 1920, por exemplo, ele toma parte significativa de uma carta para se explicar:

Não te admires de certo laconismo nas minhas cartas. As cartas são para pessoas a quem não interessa mais falar: para essas escrevo de boa vontade. A minha mãe, por exemplo, nunca escrevi de boa vontade, exactamente porque gosto muito dela.

Quero que notes isto, que saiba que eu sinto e penso assim a este respeito, para não estranhares, para não me achares seco, frio, indiferente. Eu não sou, meu bebé-menininho, minha almofadinha cor-de-rosa para pregar beijos (que grande disparate!)

(Pessoa, 2013, p. 63).

5 A esse respeito, Haroche-Bouzinac (2016, p. 111) afirma o seguinte: “À distância dos corpos se acrescenta à do tempo de envio das correspondências, que faz do espaço temporal epistolar um lugar dilatado, fonte de inúmeros mal-entendidos. A duração do envio produz uma defasagem. Remetente e destinatário movem-se na contramão um do outro”.

Aqui, novamente os *Fragments* barthesianos nos são úteis. No verbete “O ausente”, o escritor francês define da seguinte forma: “todo o episódio de linguagem que põe em cena a ausência do objeto amado – quaisquer que sejam a causa e a duração – e tende a transformar essa ausência em prova de abandono” (Barthes, 2018, p. 59). É exatamente assim que Ofélia entende as ausências do poeta, fazendo disso um lamento constante em sua escrita amorosa. Contudo, não se mostra resignada e, ao fim de um ano em que não consegue a aproximação pretendida, toma uma decisão.

2. “ISSO NÃO PODE CONTINUAR”

“Insuportável” é o adjetivo que define, para Barthes, “o sentimento de um acúmulo de sofrimentos amorosos [que] explode neste grito: ‘isso não pode continuar’” (2018, p. 205). Nos dias 09 de outubro e 27 de novembro de 1920, Ofélia escreve a Pessoa duas cartas bastante duras, demonstrando sua insatisfação diante dos sumiços constantes do namorado. Vemos aí os primeiros gritos da jovem, que parece não suportar mais viver apenas na idealização – proporcionada pelas cartas – de um encontro amoroso que não lhe permite mais um naco de esperança.

Na primeira carta, ela afirma: “Fernando / Há três dias que me não apareces, sem eu saber a que atribuir tal ausência, nem ao menos já que não apareces, podias escrever qualquer coisa para eu ficar descansada [...]” (Queiroz, 2013, p. 194). Mais adiante, continua, agora afirmando entender o motivo de tais ausências: “E não quero com isto dizer que te quero obrigar a me vires falar todos os dias, não Fernando, porque eu compreendo que a minha pessoa não é para ti dum interesse a ponto que seja indispensável a minha presença [...]” (Queiroz, 2013, p. 194-195). Ao longo da carta, continua a acusá-lo de desamor e termina citando ironicamente a quadrinha que analisamos acima: “E depois o Fernando diz que *em pouco tempo a mulher dará a provar que não ama*”. A título de despedida, escreve entre fria e afetiva: “adeus até quando *quiseres*. / Tua Ofélia” (Queiroz, 2013, p. 195, grifos da autora).

A jovem vai ao início da correspondência, quando fora acusada (como toda mulher) de ser volúvel e traz de lá as farpas para mostrar que o que se sucedia era bem o contrário, pois o que o poeta lhe oferecia era precariedade e intermitência. A

resposta de Pessoa vem apenas no dia 15 de outubro, com a afirmação “tens mais que milhares – tens milhões – de razões para estares zangada, irritada, ofendida comigo” (Pessoa, 2013, p. 195). Contudo, segundo ele, a culpa seria de um “destino que acaba de [lhe] condenar o cérebro” e informa que tenciona internar-se em uma casa de saúde, para um tratamento sobre o qual não consegue prever o resultado. Por fim, pede à namorada: “Nunca esperes por mim, se te aparecer será de manhã quando vais para o escritório no Poço Novo. / Não te preocupes”. A carta é encerrada com “Final, o que foi? Trocaram-me pelo Álvaro de Campos!” (Pessoa, 2013, p. 195).

Nos dias que se seguem a esta resposta de Pessoa, há ainda alguma comunicação epistolar, mas sempre rareando. Diante disso, em novembro de 1920, Ofélia decide levar a termo a relação, que já não renova mais as esperanças de um casamento. Esta carta é de suma importância para se entender a criação de uma estética da paixão, encenada pelos correspondentes. Ofélia, que performava, até ali, uma persona marcada pelos índices de infantilidade, agora mostra um discurso sóbrio e maduro que não se tinha visto antes em nenhum momento.

Em 27 de novembro, Ofélia escreve aquela que será a carta definitiva para o término da primeira fase do namoro. Depois dessa, enviará apenas mais uma, em que ratifica a sua decisão e repete as acusações já feitas. Nesta de 27, contudo, ela retoma aquilo que já havia dito em outubro: “Fernando / Há quatro dias que me não aparece e nem ao menos se digna a escrever-me. Sempre a mesma forma de proceder [...]” (Queiroz, 2013, p. 198). Um pouco mais adiante, ela continua:

Como o Fernando não tem motivos para acabar, procede então da forma que procede. Pois bem, eu assim não estou resolvida a continuar.

Não sou o seu ideal, compreendo-o claramente, unicamente o que lastimo é que só quase ao fim de um ano o Sr. o tenha compreendido. Porque se gostasse de mim não procedia como procede, pois que não teria coragem.

Os feitios contrafazem-se, o essencial é gostar-se. (Queiroz, 2013, p. 198).

Ofélia se despede desejando felicidades ao, agora, ex-namorado, mas em seguida anota o seguinte: “Perdoe-me a incorrecção de que são dotados os meus... poemas – mas confesso-me sem alguma inspiração para a poesia” (Queiroz, 2013, p. 199). Segue-se, então, um poema, com um acróstico do nome Fernandinho Pessoa:

Fazia bem em me dizer
E grata lhe ficaria
Razão porque em verso dizia
Não ser o bom-bom para si
A não ser que na pastelaria
Não lho queiram fornecer
D'outro motivo não vi
Ir tal levá-lo a crer.
Não sei mesmo o que pensar
Há fastio para o comer?
Ou não tem massa pr'ò comprar?!

Peço porém me desculpe
Este incorrecto poema
Seja bom e não me culpe
Sou estúpida, e tenho pena
O Sr. é muito amável
Aturando esta... pequena...
(Queiroz, 2013, p. 191)

Ofélia faz, aqui, alusão a outro poemeto, que segundo Manuela Parreira da Silva (2012, p. 191), Pessoa tinha dado à namorada no início do relacionamento, acompanhado de uma caixa de bombom.

Bombom é um doce
Eu ouvi dizer
Não que isso fosse
Bom de saber
O doce enfim
Não é para mim
(Pessoa, 2012, p. 191)⁶.

⁶ Este poema não aparece na edição organizada por Richard Zenith, apenas nas de Manuela Parreira da Silva e de Jerónimo Pizarro. Este último anota o seguinte sobre o documento: “Testemunho manuscrito que Ofélia terá encontrado um dia numa caixa de bombons” (Pizarro, 2025. p. 95).

A exemplo da carta de outubro, na qual há uma alusão à quadrinha recebida no início do enlace amoroso, nessa a correspondente também vai ao seu acervo com o intuito de questionar as atitudes do amado. Se no início do relacionamento, quando ganhara o poema, ela havia deixado de comentá-lo, agora aproveita a oportunidade para questionar e ironizar o seu conteúdo, fazendo uso do acróstico, que é uma fórmula muito antiga e, também, bastante popular. Aqui, retorna o diminutivo – “Fernandinho” – que no vocativo fora substituído secamente por Fernando, mas dado o argumento do poema, podemos imaginar que não se trata mais de um chamado carinhoso, mas de uma ironia, figura de linguagem que está, aliás, em toda a carta e, talvez pudéssemos dizer, em toda a correspondência, ora sendo usada por um, ora por outro epistológrafo.

A esse respeito, vale destacar a parte final, que forma o sobrenome do poeta. Trata-se de um “pedido de desculpas” pelo “incorrecto poema” e pela sua “estupidez” de “pequena”. A peça é um primor, seja pelas estratégias na construção do acróstico, seja pela forma como Ofélia busca demonstrar certa superioridade diante do interlocutor, manejando muito bem a pontuação, a estrutura rimada e a ambiguidade de certos termos. Um exemplo disso é o efeito polissêmico da palavra “pequena”, cujo sentido na troca epistolar sempre foi carinhoso. Agora, contudo, a autora explora os sentidos negativos da palavra, demonstrando que sempre foi tratada como alguma coisa menor na relação. Por fim, o termo “Sr.”, com a primeira letra grafada em caixa alta, reforça a pseudo-superioridade do interlocutor e, ainda, o distanciamento do casal.

Vistas em conjunto, as duas cartas – de outubro e novembro – analisadas aqui, mostram uma Ofélia muito diferente daquela que vemos no resto da coleção, o que demonstra sua habilidade no manejo do gênero epistolar. O primeiro índice de que essas as cartas trazem um assunto grave é o vocativo, que abandona os tradicionais “vida da minha vida”, “Meu nininho”, “Meu sempre querido bebê”, “Meu querido Fernandinho” etc, por um seco e direto “Fernando”. Em nenhum momento até ali a correspondente se dirigira ao namorado de maneira tão formal, a não ser naqueles primeiros bilhetes, em que ensaia um “excelentíssimo senhor”, quando ainda não havia sido construída uma intimidade entre eles. Depois disso, em todas as cartas do casal, mesmo naquelas em que há uma cobrança ou acusação, os vocativos são marcados ao menos por uma forma no diminutivo: “Ofelinha”, “Fernandinho”, ou por formas que beiram o disparate, conforme palavras do próprio Pessoa.

Apesar da mudança de tom, Ofélia não abandona o uso dos poemas como forma de mandar recados. Nas duas comunicações, a poesia está sempre presente, ainda que para ironizar o comportamento do namorado. Pessoa, por seu turno, diante da situação embaraçosa, evoca a figura de Álvaro de Campos – justo a personalidade que mais rivalizava com a jovem –, numa atitude de quem procura se eximir das responsabilidades por seus atos: “Afim, o que foi? Trocaram-me pelo Álvaro de Campos!”. Na resposta à carta de fim de novembro, àquela em que o término é anunciado, o poeta, mais uma vez, esconde-se atrás da literatura. Nenhum poema é transcrito diretamente, mas há uma clara evocação – conforme já notou José Augusto Seabra no texto “Amor e fingimento (sobre as cartas de amor de Fernando Pessoa) – à ode de Ricardo Reis “Vem sentar-te comigo ó Lídia”. Antes, contudo, ele agradece à Ofélia pela atitude tomada:

Agradeço a sua carta. Ela trouxe-me pena e alívio ao mesmo tempo. Pena porque estas cousas fazem sempre pena; alívio, porque, na verdade, a única solução é essa – o não prolongarmos mais uma situação que não tem já a justificação do amor, nem de uma parte nem de outra. Da minha, ao menos, fica uma estima profunda, uma amizade inalterável. Não me nega a Ofelinha outro tanto, não é verdade? (Pessoa, 2013, p. 199).

Em sua carta, Pessoa não responde aos ataques sofridos diretamente, mas atribui a Ofélia a mesma falta de amor de qual foi acusado e que não nega. O término passa, então, a ser culpa de um desamor recíproco, por um lado, e, por outro, do “Destino”: “Só o Destino terá culpa, se o Destino fosse gente, a quem culpas se atribuíssem” (Pessoa, 2013, p. 199). Grafado com a primeira letra em maiúscula, o destino ganha ares de entidade mística, da qual não se pode fugir aos desígnios. O epistológrafo tece, então, uma série de elogios ambíguos, que, como veremos um pouco mais adiante, não passarão despercebidos à jovem:

Quanto a mim...

O amor passou. Mas conservo-lhe uma afeição inalterável, e não esquecerei nunca – nunca, creia – nem a sua figurinha engraçada e os seus modos de pequenina, nem a sua ternura, a sua dedicação, a sua índole amorável.

Pode ser que me engane, e que estas qualidades, que lhe atribuo, fossem uma ilusão minha; mas nem creio que fossem, nem, a terem sido, seria desprimor para mim que lhas atribuísse (Pessoa, 2013, p. 200).

Quase ao fim, lemos ainda um pedido. É nele que o poeta retoma o paganismo de Ricardo Reis:

Peço que não faça como a gente vulgar, que é sempre reles; que não me volte a cara quando passe por si, nem tenha de mim uma recordação em que entre o rancor. Fiquemos, um perante o outro, como dois conhecidos desde a infância, que se amaram um pouco quando meninos e, embora na vida adulta sigam outras feições e outros caminhos, conservam sempre, num escaninho da alma, a memória profunda do seu amor antigo e inútil (Pessoa, 2013, p. 200).

Pessoa parece ter na ode de Ricardo Reis a que nos referimos acima um resumo perfeito do seu curto namoro com Ofélia. Primeiro, o convite ao enlace: “Vem sentar-te comigo, Lídia, à beira do rio. / [...] / (Enlacemos as mãos)”. Em seguida, o arrependimento: “Depois pensemos, crianças adultas, que a vida / Passa e não fica, nada deixa e nunca regressa, / [...] // Desenlacemos as mãos, porque não vale a pena cansarmo-nos” (Pessoa, 1986, p. 190). A paixão, marcada pelos sobressaltos, deve ser substituída pela leveza e a simplicidade da fuga à ação:

Amemo-nos tranquilamente, pensando que podíamos,
Se quiséssemos, trocar beijos e abraços e carícias,
Mas que mais vale estarmos sentados ao pé um do outro
Ouvindo correr o rio e vendo-o.
(Pessoa, 1986, p. 190)

Como último ato, Ofélia responde a Pessoa deixando entrever que não lhe escapou a saída “estética” que este deu ao relacionamento. Em carta de 01 de dezembro de 1920, ela o acusa de ser “um d’estes entes que brincam afeição pura”, que se aproximam das jovens “não por interesse, ainda nem mesmo por capricho, mas apenas porque lhes

apeteça de afligir, incomodar ou torturar quem no entanto nunca pensou nele outrora, nem sequer o conhecia. Isto é belo! é sublime! é grande!” (Queiroz, 2013, p. 200).

O trecho final – Isto é belo! é sublime! é grande! – é marcado mais uma vez pela ironia e pode ser lido como uma referência à mistura entre obra literária e vida. Se o poeta afirma que seu destino está subordinado a uma “Lei” que a namorada nem sabe da existência e a “Mestres que não permitem nem perdoam”, ela, por sua vez, enxerga nisso um capricho, um gosto perverso em fazer a outra pessoa sofrer.

CONCLUSÃO

Procuramos, até aqui, discutir o papel das formas poéticas no processo de sedução e de afastamento de Fernando Pessoa e Ofélia Queiroz na primeira fase de sua correspondência amorosa. Como vimos, no início do relacionamento, os bilhetes com poemas são usados por ambos ora para seduzir o parceiro, ora para demonstrar ciúmes ou pequenos descontentamentos.

Esses textos, muitas vezes negligenciados, são responsáveis por dar o tom à correspondência amorosa, pois escapam da narração e dos lamentos, muitas vezes enfadonhos, do cotidiano de um casal que se encontra amorosamente muito mais pelo texto e pelas projeções que ele permite. Nesse sentido, os poemets são responsáveis por alimentar o jogo amoroso, contribuindo para a sua estética *kitsch*, que tanto atrai os leitores do poeta.

O que venho tentando discutir, contudo, é a insistência de parte da crítica pessoana, que muitas vezes atribuiu à Ofélia uma existência menor diante do grande poeta. A meu ver, se para Pessoa era impossível separar a arte da vida, a jovem namorada não se mostra alheia e busca, com as armas que tem, responder à altura as pequenas e grandes provocações de seu interlocutor.

Não à toa, Ofélia termina sua última carta dessa primeira fase do namoro com uma pequena anedota, que lhe teria sido contada por uma “senhora de [sua] amizade”:

‘Uma mulher que acredita numa só palavra dum homem não passa duma pobre pateta; se algum dia virem algum que finja levar aos lábios

uma taça envenenada por sua causa, entornem-lha depressa na boca porque livrará o mundo de mais um impostor’

Rimo-nos todos! e afinal tinha razão... (Queiroz, 2013, p. 201).

No trecho acima, Ofélia trata de alguns dos grandes clichês do amor romântico, explorados à exaustão pela literatura: o suicídio por amor e o amor fingido. Se lá no início da correspondência o pequeno poema de pessoa afirma que “tão pouco tempo a mulher / leva a provar que não ama”, agora é ela quem usará de generalizações, acusando todos os homens de fingidos e impostores.

Na carta anterior, Pessoa tenta justificar as suas ausências e, talvez, o seu pouco amor, deixando a responsabilidade por conta do destino regido por uma “Lei” maior. A palavra, com a primeira letra grafada em caixa alta, dá o tom de grandeza dessa lei, à qual não se podia fugir. A correspondente, contudo, ignora completamente a evasiva do namorado, que põe o amor em segundo plano, mas em nome de algo elevado e que, por isso, ela desconhece. A resposta coloca ambos ao rés do chão de toda a relação amorosa: ela, uma pateta que acreditou na sua palavra; ele, um homem e, portanto, um impostor. Se Pessoa procura elevar suas ações a uma categoria do destino, de alguma coisa já predestinada, Ofélia rebate, trazendo-as para a família da comédia amorosa comezinha e trivial, nada muito distante do que foi praticado até ali, seja por meio dos vocativos ridículos, seja por meio dos poemas que analisamos acima.

LOVE AND OTHER PRETEXTS: EXERCISES OF PASSION IN THE CORRESPONDENCE BETWEEN FERNANDO PESSOA & OFÉLIA QUEIROZ

ABSTRACT: The purpose of this article is to analyze some poems exchanged between Fernando Pessoa and Ofélia Queiroz during the first year of their romantic relationship, which began at the end of 1919. These short poems of popular style – such as quatrains or acrostics – were offered to each other, generally in notes, as a way of pampering or even provoking the interlocutor in the face of some action considered reprehensible. Thus, the poem would contain a joke or anathema, but always in a serious joking

tone, which often evolved into irony. Our objective, in this sense, is to situate these documents, showing their importance for the construction of an aesthetic of love in the set of their correspondence.

KEYWORDS: Love Letters; Popular Poetry; Fernando Pessoa & Olga Queiroz.

EL AMOR Y OTROS PRETEXTOS: EJERCICIOS DE LA PASIÓN EN LA CORRESPONDENCIA ENTRE FERNANDO PESSOA Y OFÉLIA QUEIROZ

RESUMEN: El propósito de este artículo es analizar algunos poemas que se intercambiaron Fernando Pessoa y Ofélia Queiroz durante el primer año de su relación amorosa, que se inició a finales de 1919. Estos pequeños poemas de carácter popular —como la cuarteta o el acróstico— se los ofrecían mutuamente, por lo general en notas, como una forma de agasajar o incluso de provocar al interlocutor ante alguna acción que consideraban reprochable. Así, el poema podía contener un chascarrillo o una censura, pero siempre en un tono de juego serio que, muchas veces, derivaba en la ironía. Nuestro objetivo es, en este sentido, analizar tales documentos, mostrando su importancia para la construcción de la estética amorosa en el conjunto de la correspondencia.

PALABRAS CLAVE: Cartas de amor; Poesía popular; Fernando Pessoa & Ofélia Queiroz.

REFERÊNCIAS

BARTHES, Roland. *Fragmentos de um discurso amoroso*. Trad. Hortênsia dos Santos. São Paulo: Editora Unesp, 2018.

BORGES, Maria de Lourdes. *Amor*. São Paulo: Zahar editores, [s.d.]. Edição Kindle.

CARVALHO, Nelly Medeiros de. O dicionário os fez homem e mulher. *Confluência*, Rio de Janeiro, n. 21, 2001.

DIAZ, Brigitte. *O gênero epistolar ou o pensamento nômade*. Trad. Brigitte Hervot e

Sandra Aparecida Ferreira. São Paulo: Edusp, 2016.

HAROCHE-BOUZINAC, Geneviève. *Escritas epistolares: a variedade das formas*. Trad. Ligia Fonseca Ferreira. São Paulo: Edusp, 2016.

PESSOA, Fernando. *Poesias de Álvaro de Campos*. Lisboa: Ática, 1944.

PESSOA, Fernando. *Obra poética*. 8 ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1986.

PESSOA, Fernando. *Quadras ao gosto popular*. TUTIKIAN, Jane. (org). Porto Alegre: L&PM Pocket, 2008.

PESSOA, Fernando. QUEIROZ, Ofélia. *Cartas de amor de Fernando Pessoa e Ofélia Queiroz*. In: SILVA, Manuela Parreira da (Org.). Lisboa: Assírio & Alvim, 2012.

PESSOA, Fernando; QUEIROZ, Ofélia. *Correspondência amorosa completa: 1919–1935*. In: ZENITH, Richard (org). Rio de Janeiro: Capivara, 2013.

PESSOA, Fernando. *Cartas de amor*. In: PIZARRO, Jerónimo (org). São Paulo: Tinta da China Brasil, 2025.

PLATÃO. *O banquete*. 2. Ed. Trad. J. Cavalcante de Souza. São Paulo: Editora Difel, 1970.

SILVA, Telma Maciel da. Ofélia e Pessoa: dois fingidores. *Itinerários*, Araraquara, n. 57, p. 251-265, jul./dez. 2023.

Submetido em 27 de abril de 2025

Aprovado em 15 de junho de 2025

Publicado em 28 de setembro de 2025
